

REVISTA AZUL

DIRECTOR PROPRIETARIO : JULIO FERNETTA—REDACTOR : DARIO VELLOZO

Publica-se duas vezes ao mez. Os originaes remettidos á Redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados. Assignaturas trimensaes: Capital 28000; Fora da Capital 38000. Pagamento adiantado.

Escritorio e Redacção: Rua Quinze de Novembro N. 17

SUMARIO

Da lingua portugueza	Cunha Brito
Madrigal	D. Marianna Coelho
A Lagrima	Julio Fernetta
Intima	Dario Vellozo
Guy de Maupassant	Coelho Netto
Nocturno	Olavo Bilac
O charuto	Antonio Braga
O sapateiro de Alzira	J. Tapitanga
A viagem	Silveira Netto
Lyrico	
Respiços	
Expediente	

REVISTA AZUL

PROGRESSO E DECADENCIA DA LINGUA PORTUGUEZA

(Conclusão)

Foi, porem, na ultima parte desse seculo que a lingua portugueza chegou a todo o seu esplendor de polimento.

Seria longo enumerar os nomes de todos esses escriptores que concorreram para o florescimento da lingua e litteratura da sua terra; mas, dentre elles, manda a justiça destacar o nome heroico de João de Barros, o qual, não dizer de um escriptor contemporaneo, versado em todo o genero de litteratura, e de estylo animado, pittoresco e por vezes grandioso, foi o primeiro escriptor que deo á prosa portugueza numero, harmonia, e magestade, tão grande e profundo conhecedor era do idioma que tão eloquentemente manejava.

Mas o homem que assombrou esse seculo de ouro, o homem genial que deo maior somma de riqueza, de expansão e de magestade á lingua portugueza, o homem, cuja mascula individualidade era mais que sufficiente para glorificar a historia de um povo inteiro, o rival de Homero, que creou a lingua grega, assim como Dante creou a italiana; o homem que não foi simplesmente o representante da geração do seu tempo mas «que tornou se a personificação rutilante da humanidade que reflecte, que crê, que espera e ama, e soffre e se revolta, vò, delira, despenha-se nas profundezas do desconhecido, e de novo retrocede, geme, ergue o collo, pensa as feridas grangeadas nos seus gloriosos combates, e sae pranteando na sagrada theorba as suas magoas e cantando as suas passageiras victorias, como em busca de um novo Olympo sem horizontes, nem crepusculos, nem sombras, nem dimensões que o limitem» o homem que vio erguida contra si «as negras phalanges dos Cains, mas que passou por ellas como um gladio de fogo sobre relva resequeida...esse homem foi Camões, o grande autor dos *Luziadas*, o melhor monumento da lingua portugueza.

Portugal havia attingido a sua idade de ouro; o seculo XVI constitue o ponto mais luminoso da sua historia; a politica e a litteratura haviam chegado ao apogeo da fama.

A lingua e a litteratura portuguezas floresceram com grande brilho até meiado do seculo XVII, no qual appareceram escriptores de nota como o padre Antonio Vieira, Frei Luiz de Souza, Jacintho Freire e outros; mas dessa epocha em deante a lingua cahio em decadencia, perdendo o vigor da forma e o vigor classico.

Esse phenomeno não pôde deixar de obedecer á causas certas e as duas mais importantes e que encontramos na historia são as seguintes:

A 1ª deve-se ao dominio hespanhol que pesou sobre Portugal por longo numero de annos, absorvendo-lhe todas as suas forças e annullando a sua independencia, sem a qual é impossivel haver liberdade de pensar e escrever.

A oppressão chegou a tal ponto que muitos escriptores renegaram a lingua patria e passaram a escrever em Castelhana, para por essa forma angariarem a sympathia e boas graças dos dominadores.

A 2ª causa foi a inquisição que opprimio as consciencias, perseguio os talentos e fez enorme pressão sobre os espiritos pensadores.

Portugal chegou a uma epocha em que só os padres podiam ser escriptores.

Accrescente-se ainda a educação ministrada pelos jesuitas por mais de 2 seculos, educação que pervertia e amesquinhava os sentimentos das creanças.

Afinal, em 1640 uma revolução puramente nacional derribou o jugo que a Hespanha exercia sobre Portugal, mas ainda assim continuou o estado de decadencia da lingua portugueza, não só porque ella estava muito abastardada e corrompida porque o gongorismo castelhano havia invadido a litteratura, como ainda, no dizer de um escriptor, a linguagem se convertera em gíria retumbante e enigmatica.

Alem disso a Inquisição continuava a abafar todas as vocações, suffocar todos os engenhos em embrião, e a maior parte dos imperantes, longe de favorecer as letras, dando-lhes protecção e arrimo, despriam-se das suas prerogativas e entregavam-se, de mãos atadas, ao dominio da inquisição e jesuitas.

Pode-se dizer que Portugal vivia apenas da lembrança saudosa do seu passado fulgurante, dos seus filhos dilectos que longe levaram a fama das suas conquistas.

Tudo estava deturpado e degradado, e como não ser assim se qualquer arroubo do pensamento era logo punido com os famosos carcereiros ou com a ignominiosa fogueira?!

Como não ser assim, se o homem de talento vivia asphyxiado, sem liberdade para dar expansão ao pensamento e ás suas ideias, limitando-se a escrever

conceitos, que nada significavam, e até extravagantes ? !

Como não ser assim se o despotismo campeava infrene e os escriptores temiam a sorte do grande dramaturgo Antonio José, brasileiro de nascimento, notavel pela naturalidade artistica das suas composições e que por isso mesmo foi atirado ás fogueiras da inquisição ? !

Esta decadencia durou por quasi um seculo, até o apparecimento de um homem superior, de um genio poderoso que se chamou Sebastião José de Carvalho, marquez de Pombal, que teve o necessario poder para derribar essa instituição nefanda que praticou os mais abominaveis crimes, as mais vis execuções em nome desse Deus de bondade e clemencia.

O novo regimen implantado era por sem duvida o do terror, necessario por certo naquella epocha, pois não é possivel comprehender-se que, por mais brandas, com medidas benevolas se conseguisse derrocar essa instituição que dominando as classes nobres e avassalando até as consciencias dos reis, absorvem-lhes toda a sua força e poder.

Mas a verdade é que dessa epocha em diante, reanimou-se o commercio, desenvolveram-se as industrias e artes e as letras começaram a florescer, graças á protecção que lhes dispensou o grande ministro de D. José I.

Circunstancia digna de nota : o progresso das letras quasi que limitou-se ao desenvolvimento da poesia, que readquirio toda a sua belleza e magestade sobresahindo nessa epocha dous poetas illustres, brasileiros de nascimento, Frei José de Santa Rita Durão e José Basilio da Gama.

Parecerá á primeira vista estranho este facto que, entretanto, tem a sua explicação natural.

Os pensadores escassearam porque ainda não dispunham da necessaria liberdade para pensar e escrever.

Pombal teve os seus defeitos e o mais saliente foi a sua omnipotencia, deante da qual todos se curvavam reverentes, omnipotencia que annullava a liberdade de critica e ahí está como exemplo do que affirmamos o infeliz poeta Pedro Antonio Pereira Garção, que teve a desdita de morrer encarcerado em uma prisão por haver tido a veleidade de se mostrar escriptor independente naquella epocha.

Em 1780, depois da sahida de Pombal, e sob o reinado de D. Maria 1^a, fundou-se a academia real das sciencias de Lisboa, instituição que prestou relevantes serviços á causa das letras e dessa epocha em deante escriptores foram abandonando o máo gosto que deturpava a litteratura, e a lingua de Camões foi readquirindo a sua primitiva pureza.

Emfim neste periodo a litteratura atravessou uma epocha de regeneração que infelizmente não foi estabelecida, devido desta vez a uma novacorrupção—ao vicio de imitação.

Estamos em 1787, epocha em que a França tornou-se o fóco convergente das attenções do mundo inteiro—epocha em que deo-se a memoravel revolução franceza que derrocou thronos, nivellou todas as classes e proclamou os direitos do homem.

As theorias philosophicas dos principaes factores dessa revolução enchiam de esthusiasmo a todos os espiritos e, então, gregos e trojanos desejavam não ter ideas proprias, desejavam pensar e escrever pela cabeça dos francezes e então deo-se o que todos sa-

O espirito de imitação chegou ao seu auge e no Brazil e Portugal ninguem mais quiz saber da leitura dos classicos, que serve para aprimorar a linguagem, mas em compensação os livros francezes, ou as suas traducções com todos os gallicismos imaginaveis, eram devorados e, assim, de dia a dia foi-se abastardando a nossa bella lingua, a mais rica e expressiva de todas as existentes.

Esta propensão do brasileiro para *afraancezar* a sua linguagem ainda notamos nos dias que correm, signal evidente de que elle ainda não compenetrou-se do adoravel idioma que possui.

A essa torrente de gallicismos escaparam os fructos da epocha, que assim demonstraram ser superiores a essa mania de innovações, e, entre elles, destacaremos Francisco Manoel, tão decantado pelo visconde de Almeida Garret e Bocage, o insigne improvisador portuguez, cuja linguagem é de uma causticidade austera.

Estes poetas foram perseguidos pela inquisição, vendo-se o primeiro na necessidade de expatriar-se e pedir hospitalidade á França e o segundo, para ver-se livre dos ferros desse barbaro tribunal, teve de recorrer á alta protecção de alguns fidalgos.

Em resumo a poesia lyrica e épica chegava ao apogeo da grandeza, ao passo que a prosa corrompia-se cada vez mais.

Deram-se em seguida, em 1807, os acontecimentos que deram em resultado ser o Brazil declarado reino, installou-se a côrte na capital do Rio de Janeiro, onde começaram a diffundir-se os acontecimentos e o gosto pelas letras.

Em 1820 deo-se em Portugal a revolução que regenerou aquelle paiz, livrando-o do perigo da inquisição e fazendo vangar um regimen de liberdade. Um anno depois proclamou-se a independencia do Brazil e aqui começa a historia da sua litteratura como nação autónoma.

A nossa historia é bem curta, mas rica de acontecimentos.

O que vemos em 72 annos de existencia propria ?

O nosso estandarte tremular victorioso por toda a parte onde foi pleiteada a nacionalidade brasileira ; o primeiro principe jurar a constituição politica do nosso imperio ; celebrarem-se tratados de alliança e de commercio com os povos civilizados do mundo ; a mocidade intelligente sentar-se pela primeira vez nas faculdades de direito, creadas em Olinda e S. Paulo ; fundar-se na Côrte o supremo tribunal de justiça, construir-se vastos hospitaes onde a pobreza encontrava abrigo, magnificos diques, estradas de ferro, o telegrapho electrico, museos, jardins publicos, escholae primarias, faculdades de medicina e escholae de engenharia, associações livres onde o filho do povo ia aprender os primeiros rudimentos da arte.

Vimos ainda o reconhecimento nacional premiado os defensores da nossa honra ; vimos um principe illustrado recusar uma estatua como que para ensinar ás nações que a verdadeira estatua, a que engrandece e eleva, é a que insculpe a instrucção na intelligencia do povo, vimos as sciencias sociaes se desenvolvendo ; vimos ser abolida a escravidão sem que a violencia salpicasse de sangue o solo brasileiro, vimos o povo repetindo com sympathia e respeito os nomes dos seus grandes homens, vimos, finalmente, a transformação das instituições que nos regiam sem os grandes abalos e commoções que quasi sempre produzem.

Quanto ao desenvolvimento das letras entre nós é força confessar que ellas não medraram nos primeiros tempos da nossa independencia, pois teve o Brazil de passar por diversas commoções intestinas, de todos conhecidas, e é sabido que as letras florescem em tempo de paz.

Sob o reinado de D. Pedro II—principe estudioso e bem intencionado, muitos homens superiores enriqueceram a nossa litteratura, o que não é de estranhar porque o brasileiro sobresahe pelo ardor e empenho que manifesta em aprender todos os ramos de conhecimentos.

Nas composições dos nossos poetas predomina sensivelmente o gosto romantico, fundado pelos poetas europeos, notadamente Byron, Lamartine, Hugo e Garret.

A nossa poesia differe da dos portuguezes pela cor local que os caracteriza e alem disso em Portugal sacrificava-se o ideal à forma, ao passo que entre nós da-se o contrario.

Dentre os nossos melhores poetas destacamos Odo-rico Mendes, com razão considerado um classico apurado. Antonio Gonçalves Dias, incontestavelmente o Camões brasileiro, pois não tem rival no colorido e perfeição do estylo e no brillantismo da imaginação; Gonçalves de Magalhães, considerado o fundador da poesia romantica, Porto Alegre, notavel pela inspiração e estylo, Fagundes Varella, Casimiro de Abreo, Theophilo Dias e tantos outros.

A poesia original brasileira que se ostenta quasi sempre adornada com todas as galas da juventude americana, é sumptuosa e nada deixa a desejar quanto á inspiração, abundancia de phantasia e imaginação, colorido de estylo e riqueza de pensamento.

Os nossos prosadores são mais escassos que os poetas e é verdade reconhecida que a nossa linguagem não possui hoje o aprimorado e castigo da forma que constituia o característico da linguagem dos antigos escriptores, e isto, não só porque os classicos foram quasi que despresados como ainda porque os nossos escriptores tem corrompido a lingua com a imitação dos escriptores francezes.

São prosadores brasileiros mais notaveis — o Marquez de Maricá, senhor de um estylo rico, conciso e sentencioso — Monte Alverne, o genio da eloquencia — João Francisco Lisboa, historiador critico e eloquente — João Manoel Pereira da Silva, que foi o primeiro a condemnar a monomania dos nossos antigos poetas pela lenda sobre os Aborigenes, deixando de pintar os usos e costumes do homem civilisado do Brazil.

Não descerei a innumerar os nossos melhores oradores, porque isso seria um trabalho longo, pois o Brazil é um dos paizes mais ferteis em talentos oratorios.

O Portugal moderno, depois de consolidada a sua liberdade politica, tem possuido filhos dilectos que têm enriquecido a sua litteratura; Garret, o notavel fundador da eschola romantica, um dos melhores do seculo XIX; Feliciano de Castilho, cego como Homero, «vingando se, á força de genio e de produções inspiradas, do fatal incidente que o privava da vista», Alexandre Herculano, Rebello da Silva, Castello Branco, estes tres ultimos prosadores notaveis e litteratos de fina tempera.

A actualidade da litteratura brasileira não é das mais lisongeiras e, se não se acha em periodo de decadencia, está ao menos profundamente abatida e clorotica.

Eu attribuo este facto á versatilidade do espirito brasileiro, sempre disposto a imitar tudo o que nos vem importado do estrangeiro.

A eschola realista de Zola tem, a meo ver, sido a causa desse grande mal, pois os mesmos poetas e prosadores tem abandonado os seus elevados ideaes, as suas bellas concepções para amoldar-se ás exigencias dessa nova eschola, que está roubando a seiva e o vigor da nossa poesia, adulterando e deturpando a belleza e correcção da nossa lingua.

E' verdade que as linguas desenvolvem-se com os inventos pois ellas não nascem ricas, mas tambem é verdade que ellas decaem com a perversão dos pensamentos e com a corruptella da linguagem.

E' contra esta tendencia viciosa dos nossos escriptores que devemos levantar a reacção mais franca e energica, porque não é justo que vejamos um paiz que conta a inolvidavel gloria de possuir um Gonçalves Dias, um Mont'Alverne e um Marquez de Maricá decair do alto conceito em que é tido perante o convivio das nações civilisadas.

CUNHA BRITO.

Errata Em o numero passado, ha no bellissimo artigo do Dr. Cunha Brito os seguintes senões, que passamos a corrigir:

Onde se lê: *Quereis* saber e etc., leia-se: *Deveis* saber e etc.

Onde se lê: *oppõe-se* ás censuras e etc., leia-se: *opõe-se* ao *consenso* e etc.

MADRIGAL

Como a luz que attrahe, fulmina
Doutejante borboleta,
Esse olhar prende e fascina
Em ondas de luz inquieta!
— Invejo a tragica sina
Do teu amor, borboleta!

MARIANNA COELHO.

A LAGRIMA

Tranquila serena, a sorrir por um ceo de purissimo azul, que se perde, na vastidão infinita, a cantar como o passaro verde da esperanza, na alma do moço....

As multidões, n'uma alegria festiva de domingo, crusam as ruas da velha cidade, que rejuvenesce a sorrir pelo calice rubro dos labios de creanças louras que, em pequenos grupos, borboleteam travessas e descuidosas, campos afora, como bandos dourados de colibris, n'uma revoada de beijos.

Só tu, minha alma, que vives n'um recolhimento religioso, na cella de teos desenganos e de tuas scismas melancholicas, de recordações dolorosas; só tu, que vives a idealisar um impossivel, a fitar o mundo das alegrias divinas, amedrontada, como Colombo espreitando a immortalidade; só tu, no desalento de tuas saudades, ferres, com uma nota dissonante—a lagrima, a grande e ruidosa orchestra dos risos alegres e festivos, das multidões indifferentes....

JULIO PERNETTA

INTIMA

Tanto frio nas mãos, tanto gelo nas faces,
Quando tens um Vesúvio em teu mimoso seio ! . .
— Virgem, — quem te ensinou a dor dos Lovelaces
E te apontou a cruz do sombrio receio ? . .

— Virgem, — quem, mais que eu, teadora e te venera,
Quem, mais que eu, de teos olhares vive,
Se és de minha alma a eterna primavera,
O mais ditoso anhelado que já tive ?

DARIO VELLOZO.

GUY DE MAUPASSANT

(Conclusão)

A França contemporânea é psychologista em Arte, a alma é eternamente o mediador nos períodos de transição. O naturalismo caminha para o occaso, derreado ao peso das levãs immensas — é um exodo e já apparece, illuminando a manhã da nova era, a luz do idealismo que Zola previo. Da alma para as estrellas os olhos pouco desvio têm. Entretanto, força é dizer, o periodo reaccionario da «escola da sciencia applicada á litteratura» deixa fecundos resultados. O campo artistico parecia esterilizado, era necessaria a violencia desses golpes profundos. Zola atravessa a Arte como um sementeiro, com a charrua colossal da sua penna revolvendo as camadas populares, as campinas das batalhas, a sociedade e a lande para o florescimento de amanhã. A victoria do mestre é incontestavel — se as lyras desappareceram, com a sua vinda muito lhe deve a Poesia futura com o germen fecundo que vaee caindo do seo espirito — a sua obra ha de persistir marcando uma época — a da fertilisação do espirito. Com elles ficam todos quantos trabalharam nesse rude labor e Maupassant é um dos que mais merecem pela inquebrantavel energia do seo temperamento, pela minuciosidade da sua visão artistica.

A sua estréa em litteratura foi um successo de escandalo. Apresentou-se poeta, mas não trouxe a lyra enflorada nem via com os olhos extasiados nas estrellas. A sua estrophe é forte, é ruíra como a flor do cacto, e não é o luar romantico que alumia a sua paizagem, é o sol, o vivo sol radioso, e a harmonia é feita pela agua dos lava-douros, pelos cantares rusticos e pela terra, na sua forma maternal do creadora, terra semeada e fecunda que os arados sulcam, que os grandes bois espesinham e que, de repente, quebrando a lapide de neve, resurge do tumulo do inverno, em flor, e enche-se do barulho festival dos ceifadores. O cheiro que mais apparece não é o da violeta meiga, é o da carne feminina, cheiro sensual, que faz pensar em crimes, cheiro allucinante, essencia da genese, aroma capitoso da arvore da sciencia, e o suor do camponio, que perfuma a leira, agua lustral que baptisa e sancifica o trabalho. A critica diante desse poeta da natureza, recuou espavorida e bramando contra o impudor e contra a indecencia e só em Ruão, o Baptista da Arte Nova, Flaubert, ousou levantar um protesto escrevendo no final da carta prefacio *Des vers*, a celebre vergastada :

« La terre a des limites, mais la betise humaine est infinie ! »

Maupassant surgio da natureza armado e forte — a França apupava o poeta sem vêr que fôra victima de logro — a lyra fôra um pretexto e, ao fim da critica, as cordas estavam abandonadas e era um prosador que vinha disputar o terreno — trazia a natureza, a grande natureza apenas, vinha impregnado de vida, deixara Pan á volta do caminho, só aproveitando para harmonia dos periodos a endeixa rustica da frauta do deos, que é a musica eterna das aguas e dos vargedos. Maupassant, sem compromisso de escola, emquanto sahiam de Medan as multidões tumultuarias, deixava partir individuos, comprazia-se em tomar incidentes, cantos da vida real, episodios e a sua grande obra é incontestavelmente feita de esboços, mas tão precisos, tão exactos, que todo o vigor resalta, o tom, o movimento, a nuança, tudo existe nos trabalhos do notavel *conteur*. Em cada um dos seus contos ha a quantidade de analyse bastante para que se apprehenda uma alma. Zola trabalha com gigantes. Maupassant trabalhou com homens — um restabelece a epopéa, outro resurgio Lucrecio e fez a analyse dos seres. A nota predominante do escriptor é uma doce nostalgia que transpira, fugidia e leve, de todos os seus trabalhos — veio talvez da vida solitaria que levava, triste amante que era das solidões do mar, das selvas, apaixonado dos lagos e até dos pantanos tranquilos onde descobria e sentia a agitação de uma vida mysteriosa. Pessimista sem imprecação e sem exagero, concentrava-se preferindo olhar o mundo através da recordação — queriater saudade e fugia no seo yacht *Bel Ami* para as aguas mudas ou mais tarde ganhava o vasio dos espaços no *Horla* para olhar a terra inferior e minima. Nos romances sente-se o *conteur* — a obra não tem perfeição compacta, é falha em alguns pontos, revelando claramente que o seo autor cansava nas grandes marchas. A sua impressão era brusca e exacta: colher um factio, annotal-o, dar lhe alma, eis tudo quanto podia fazer Maupassant. Os seus contos são extraordinarias syntheses humanas e alguns deixam transparecer docemente a alma sentimental e meiga do poeta antigo. *Amour*, por exemplo, esse lindo episodio de sentimento entre aves... *Le Horla* é o prenuncio da primeira morte do artista: « Je deviens fou... » disse elle e, mais adiante, como se presentisse a abalada das suas idéas, as borboletas azues do delirio, escreveo:

« Mais, direz-vous le papillon ! une fleur qui vole ! J' en rêve un qui serait grand comme cent univers, avec des ailes dont je ne puis même exprimer la forme, la beauté, la couleur et le mouvement. Mais je le vois... il va d'étoile en étoile les rafraichissant et les embaumant au souffle harmonieux et léger de sa course !... »

Et les peuples de là-haut le regardent passer, extasiés et ravis !... »

Grande e desgraçado artista... essa borboleta era a sua alma que ensaiava o voo para a noite negra da loucura, era a sua alma triste... Borboletas azues, borboletas azues, as suas idéas que até a hora final voejavam em torno dos seus olhos como abelhas diante da colmeia antiga, aluida, esboroadá, mas sempre amada, estreme-

cida sempre. Borboletas azues que ahi ficam na litteratura de França eternas nas paginas immortaes dos livros, sempre vivas perpetuando esse triste mestre classico do conto, grande analyta d'almas que em meio da jornada vio de repente escurecer no ceo a estrella que o guiava.

Borboletas azues... grande e desgraçado artista, poeta ao nascer para a Arte e poeta no caso negro da loucura.

COELHO NETTO.

NOCTURNO

Já toda a terra adormece,
Sãe um soluço da flor,
Passa por tudo um rumor,
Como o rumor de uma prece.

A tarde cãe. Silencioso,
Passa entre as folhas o vento ;
E ha por todo o firmamento
Como um anseio saudoso.

Aureo thuribulo immenso,
O occaso, em purpuras, arde :
E para a oração da tarde
Desfaz-se em rolos de incenso.

Moribundos e suaves,
O vento na aza conduz
O ultimo raio da luz
E o ultimo canto das aves.

E Deos, na altura infinita,
Abre a mão serena e calma,
Em cuja profunda palma
Todo o universo palpita.

Mas um barulho se eleva :
E, no paramo celeste,
A horda dos astros investe
Contra a muralha da treva.

E as estrellas, psalmodiando
O Poëan sacro, a voar,
Enchem de canticos o ar,
E vão passando, passando...

Agora, maior tristeza,
Silencio agora mais fundo :
Dorme n'um somno profundo,
Sem sonhos, a natureza.

A flor da noite abre o calix ;
E, soltos, os pyrilampos
Cobrem as faces dos campos
E enchem o seio dos valles.

Trefegos e alvoroçados,
Saltam phantasticos Djinnns,
Entre as moitas de jasmims,
Entre os rosaes perfumados.

E um d'elles pela janella
Entra do teo aposento,
E pára — placido e attento,
Vendo-te — pallida e bella.

Chega ao teo cabello fino,
Mette-se n'elle : e fulgura
E arde n'essa noite escura,
Como um astro pequenino.

E fica. Os outros lá fóra
Deliram. Dormes. Feliz !
Não ouves o que elle diz...
Não sentes como elle chora...

Diz elle :

« O poeta encerra
Uma noite, em si, mais triste
Que essa que, quando dormiste,
Velava lá fóra a terra ..

Os outros sãem do meio
Das moitas cheias de flores ;
Mas eu sahi d'entre as dores
Que elle tem dentro do seio...

Os outros a toda a parte
Levam o vivo clarão :
E eu vim do seo coração
Só para ver te e beijar-te.

Mandou-me a sua alma louca,
Que a tua ausencia consumme,
Saber se em sonho o seo nome
Brilha agora em tua bocca.

Para estudar de mais perto
Todo esse deserto immenso,
Mandou-me ficar suspenso
Sobre o teo peito deserto...

Eu sou o verso mais vasto
De todos os que elle tem :
Meu seio debil contém
O que ha de horrivel e casto.

Tenho todos os encantos ;
Tenho todos os horrores ;
Sou uma nuvem de flores,
Sou uma nuvem de prantos

Porque — olha : os poetas sabem
Por n'um verso toda a vida :
Porque n'um verso, querida,
Todas as lagrimas cabem.

Mas, ha ! contenho o Universo
E não te posso conter...
Porque a alma de uma mulher
Não cabe dentro de um verso.

Ah ! se eu pudesse contel-a
E guardal-a com ciume,
Como a flor guarda o perfume,
E como o ceo guarda a estrella...

Desperta ! dormes tão fria...
Eu sou a sua saudade !
Ai ! commover-te quem ha-de ?
Quem ha de entender te um dia ? »

.....
.....

Isso diz o pyrilampo...
Anda lá fóra um rumor
De azas rulladas... A flor
Desperta. Desperta o campo.

Todos os outros, prevendo
Que vinha o dia, partiram...
Todos os outros fugiram :
Só elle fica gemendo.

Fica, ancioso e sósinho,
Sobre o teo leito pairando.
E apenas, a luz fechando,
Volta de novo ao seo ninho,

Quando vê, ainda não farto
De te ver e de te amar,
Que o sol descerras do olhar,
E o dia nasce em teo quarto.

OLAVO BILAC.

O CHARUTO

Douradas distracções, languidas scismas, como palpitaes no fumo azul que vae para o azul! Charuto! incomparavel companheiro, companheiro silencioso e confidente, quantos poemas contigo não começam, quantos poemas contigo não se finam!

Tu és o mudo conselheiro d'esta vida, és o intimo deleite das ideas!

Como o pensamento se revolve em tua fumaça! Fumaça! como se embala no teo seio o vagabundo audaz dos infinitos!

Mas, momentos depois o que resta de ti, pobre charuto?

Resta apenas um pouco de cinzas, e, ás vezes, um tepido amargor dentro da bocca.

E deve ser assim, porque te pareces com os sonhos, porque os sonhos são como charutos deliciosos da nossa alma!

ANTONIO BRAGA

O SAPATEIRO DE ALZIRA

Dos poetas do Universo,
O que tem mais doce lyra,
E' o sapateiro de Alzira,
Pois mede o mais doce verso!...

E até eu juro por Venus,
Que do bello tudo exprime,
— Mede o verso mais sublime,
Quem mede pés tão pequenos!...

Entretanto, o mariola
Não comprehende a magia
Que derrama a poesia
De sua musa de sola!

Quando elle faz, por acaso,
Os sapatos da pequena,
Faz da sovela uma penna,
E faz da tenda um parnazo!

E em terminando os emblemas
Do pesinho feiticeiro,
Tem escripto o sapateiro
O mais bello dos poemas!...

J. TAPITANGA.

Coritiba, 5--8--93.

A Viagem

(Continuação)

IV

ESTRADA AFÓRA

Seguimos estrada afóra.

O ceo, de um azul brando, era encoberto em alguns pontos por grandes e pequenas massas de nuvens esbranquiçadas; nuvens muito alvas e parecendo muito lisas como prata polida, ao ardente clarear do sol.

De cada lado da estrada o matto verdejante formava alas interrompidas, de quando em quando, por diversas casas muito distantes uma da outra.

Quasi ao meio dia chegámos á cidade de Campo Largo.

O sol dardejava raios causticantes.

Desembarcámos para almoçar e, como promette-se demora a tal refeição, acompanhamos o Philinto a uma visita, na qual tive occasião de conhecer pessoalmente o distincto e amavel clinico Dr. Guedes Chagas, laborioso amator da Photographia.

Depois de aproveitada proza despedimo nos d'elle e voltámos para o hotel, apreciando a quietude do lugar.

O terreno de que se compõe Campo Largo pertenceo ao coronel Antonio Luiz Tigre.

A povoação foi elevada a freguezia por lei provincial de S. Paulo, n.º 23, de 12 de Março de 1841.

Elevada a villa por lei provincial, n.º 219 de 2 de Abril de 1870, sendo a Camara Municipal installada a 3 de Fevereiro de 1871.

Elevada a cidade por lei n.º 685, de 6 de Novembro de 1882.

Distancia cinco legoas da capital.

Depois de uma hora da tarde continuámos a viagem.

V

S. Luiz

Já fatigados e anciosos por chegar, por nos livrarmos dos solavancos do carro avistamos S. Luiz, ao anoitecer.

Que alivio! Que alegria!

São Luiz é uma povoação modesta, situada á 24 kilometros alem da cidade de Campo-Largo.

Quando parou o carro já as sinobles azas da noite começavam de escurecer a terra.

Desembarcámos.

Eu lancei a vista para aquellas paragens meio occultas pela sombra compacta, S. Luiz pouco tem o que mostrar: algumas casas destituídas de qualquer elegancia; a estrada, morros e a matta aonde se destaca imponente o alto pinheiro.

Entramos no hotel que regorgitava de hospedes e mostrava um aspecto alegre pela reunião de passageiros que alli recolhiam-se ao descanso, pondo de parte, por algumas horas, o caminho cerrado pela escuridão da noite.

Diversos amigos que haviamos encontrado em nossa rota, lá estavam nos esperando e mais duas familias de militares, sendo uma constituída por um casal de môços e um mimoso e gordanchudo filhinho.

Occupavo o centro da primeira sala do hotel a mesa de jantar. Ao fundo, encostado á parede, um sofá grande forrado com fazenda. Ao lado uma pequena mesa e em cima d'ella uma bilha e dois copos de vidro, virados sobre pratinhos também de vidro e diversas cadeiras.

Sem luxo nem atavios, cada peça que formava essa mobilia era como um adorno do oasis que havíamos encontrado no fim da jornada.

Tropegos de canção, deixando o corpo entregar-se todo á indolencia agradável da lassidão, nos recostavamos nas cadeiras ou iam para o quarto aonde as camas, com seos colchões macios, proporcionavam-nos delicioso comforto para o repouso.

Depois da cêa e de alguma prosa cada qual tratou de recolher-se para dormir.

No dia seguinte, madrugada bella!

O ceo opalino parecia compartilhar da frescura deliciosa da manhã.

O hotel, n'um burburinhar de gente em preparativos de embarque, mostrava-se cheio de animação.

Fóra estavam os carros parados com ar de aborrecidos e resignados; algumas vacas andando vagarosamente e de cabeça baixa, enca-minhavam-se para uma pequena mangueira.

Na sala, aonde já preparava-se a mesa para o café achavam-se quasi todos reunidos.

A arrumação de malas, a procura de qualquer objecto, a conversa, o descanso dos que, promptos, esperavam a hora da partida espalhavam mais vida por aquelle diminuto mundo.

Eu, n'uma confusão de prazer e de tristeza, olhava a pequena familia de moços.

VI

PALMEIRA

Depois de havermos saboreado algumas chicharas de café e fumado um cigarro mais ou menos bom, sahimos para o terreiro; ahi já via-se o carro prompto para continuar o seo destino. Logo despedimo-nos dos outros passageiros, do hoteleiro e embarcamos.

O Adelio havia desenvolvido a sua verve humorística e um tanto ingenua; o Andrade, como sempre, a olhar-nos atravez dos vidros escuros e a provocar o nosso bom humor e a paciencia do Adelio.

O Philinto recostava-se a ouvir ou a contar factos.

Eu acompanhava-os em tudo e sentia ainda o coração palpitante da agradável emoção que tive ante aquella familia de moços.

Um homem que não tenha uma afeição para confiar, vive n'um deserto que torna-se mais immenso quanto maior fôr o numero de pessoas que o rodeie.

Quantos que assim vejetam a justificar os «Mortos que vivem» de Campoamor.

Por isso eu, que deixara atraz alguém que era a minha familia futura, disse para commigo: Devem ser muito felizes.

Como a repercussão de um êcho sahido d'entre as ruinas ainda novas de algum templo rico, parecia elevar-se da minha alma o dyssillabo: talvez...

Porem na familia de moços havia todos os indícios da felicidade e eu, lembrando me daquel-

la que, igual a mim, estaria curtindo as agruras das saudades, emocionava-me vendo esse quadro bellissimo, pleno de vida e amor.

Ao meio dia, mais ou menos, paravamos na Restinga Secca, resumida povoação situada entre S. Luiz e Palmeira.

N'esse ponto de parada almoçamos ligeiramente para tomarmos outro carro que nos esperava; pois, aquelles que nos haviam levado até ahi, seguiam directamente para o Porto Amazonas e com elles o Adelio, que desejara fazer o caminho por menos.

Bem pela tarde chegámos á Palmeira.

Era Domingo.

Por tudo monotonia, quietude, solidão.

A igreja, como a sphinge de Djiseh, ostentando-se queda na praça «Marechal Floriano, que é o ponto principal da villa, parece meditar aborrecida e triste no officio que exerce.

Se o templo do christianismo romano podesse falar talvez dissesse: antes eu fosse uma escola...

A villa da Palmeira está situada nos Campos Geraes, no declive de um aberto coxilhão, entre 25.º, 25.º e 26" de latitude austral e 6.º, 48' e 46" de longitude occidental do Rio de Janeiro (C. Geog. do Paraná.

Parámos em casa do Sr. Vicente de Castro, um perfeito cavalheiro que, logo a primeira vista, captiva a sympathia de qualquer.

Alto, moreno, gordo, bigodes pretos e sempre com um sorriso a florescer-lhe nos labios.

Esperou-nos de gravata vermelha e tomou-me, naturalmente por graça, pelo juiz de direito daquella comarca que era também esperado nesse dia.

Depois de desembaraçados do pó e das malas, jantámos e sahimos.

Passou a tarde. E o logar, invadido pelo tom escuro e lugubre da noite, mostrava-se de uma soturnidade acabrunhadora.

SILVEIRA NETTO.

(Continúa)

LYRICO

Nesta ultima quinzena a companhia lyrica do Sr. Cassoni cantou a *Cavalleria Rusticana*, *Yone*, *Favorita* e *Trovador*.

A *Cavalleria*, cuja musica tem sido decantada por todos os criticos como sendo um mimo musical, foi bem cantada na ultima representação, merecendo especial menção: — a Sra. Cartocci, que cantou com muita alma e sentimento toda a sua difficil parte; o Sr Bersani q' de dia a dia vae conquistando as sympathias do publico que o o tem applaudido sem reservas e que cantou com grande exito a longa scena de ciúme e a aria final de despedida, a que deo todo o relevo.

A *cavalleria* constitue um bello prenuncio das futuras produções do maestro Mascagni, que, muito joven ainda, já conseguiu tornar-se conhecido e respeitado no mundo da arte.

A *Yone* foi sem duvida a opera que mais agradeu ao nosso publico na presente temporada.

E não era para menos.

A inspirada composição de Petrella é um — monumento de bellezas musicas.

A symphonia é uma das mais brilhantes que conhecemos, rica de propriedade e colorido.

Toda a partitura, especialmente o motivo do 3.º acto que se repete no 4.º, a commovente marcha funebre e o solo de clarineta que no 3.º precede a uma aria de Yone, é de um effeito maravilhoso.

Entretanto, é corrente que o inspirado autor desta opera e dos *Pir ti*, escreveu a quasi toda em estado de embriaguez, terminando seos dias na enxerga de um hospital quasi abandonado !

O desempenho da *Yone* foi correcto, de modo a satisfazer a platea mais exigente.

O papel de protogonista foi magistralmente desempenhado pela Sra. Cartocci, que conquistou grandes applausos. Nesta opera tem esta cantara occasião de mostrar o quanto é pura, extensa e melodiosa a sua voz.

Contribuíram efficazmente para o bom desempenho da peça a Sra. Mugnaschi e os Srs. Bersani e Forti, sendo pequeno o papel confiado ao irreprensivel artista Sr. Mori.

A orchestra portou-se briosamente, dando o maior relevo á execução da bella partitura de Petrella.

Em summa: a *Yone* fez franco successo e a empreza bem avivada andará fazendo a cantar ainda uma vez.

Do desempenho da *Favorita* pouco diremos porque não esteve na altura dos creditos da companhia, talvez por falta de ensaios.

O tenor estreante mostrou apenas que já foi tenor e que sabe cantar com gosto e sentimento, mas que actualmente já não possui...voz.

Os Srs. Baracchi e Mori foram os dous unicos artistas que salvaram se do naufragio daquelle noite, fazendo jus aos mais entusiasticos applausos.

O *Trovador*, a velha opera, que apesar de estar de cabellos brancos sempre tem um caracter de novidade, foi bem desempenhada na 2ª representação.

Da Sr. Cartocci no papel de Leonora nada precisamos dizer, a não ser que honrou os creditos de cantora intelligente e conscienciosa.

A Sra. Mugnaschi tem uma bella criação no papel de *Cigana*, em que é inexcedivel.

O Sr. Bersani cantou bem, especialmente na celebre aria do 4º acto — *madre infelice corra a salvar-te*, pedra de toque para se aferir da capacidade de um tenor.

E o Sr. Bersani sahio se galhardamente da prova porque passou.

O Sr. Forti cantou satisfactoriamente a difficil parte de conde de Luna, arrancando da platéa os mais expontaneos applausos.

A companhia está a dar os seos ultimos espectaculos e é justo que o publico não a desampare porque ella é digna do seo auxilio.

RESPIGAS

D. MARIANNA COELHO

Desta talentosa Senhora publicamos em o numero de hoje gracioso *Madrigal*, — á distincta auctora pedindo mil perdões por não o termos feito no primeiro numero.

O AMOR MATERNO E A EDUCAÇÃO PELOS INSTINCTOS

Tal o titulo de valioso trabalho do Dr. Justiniano de Mello, — trabalho esse cuja publicação ençetaremos no proximo numero.

O bem conhecido nome do muito apreciado jornalista dispensa nos de toda e qualquer recommendação aos nossos intelligentes leitores.

LYCIO DE CARVALHO

Breve publicaremos algumas das poesias indictas de tão malogrado poeta, cuja morte tem sido por seos amigos e apreciadores tão sinceramente sentida.

A LAGRIMA

Guerra Junqueiro, o vigoroso auctor do *D. Juan* e dos *Simples*, — livro que por si só affirma a reputação litteraria de um escriptor, acaba de dar publicidade á *Lagrima*, crystallina perola de seo vasto escriptorio. Talvez, no proximo numero, tenham nossas leitoras occasião de vê-la tremelluzir brilhantemente nas columnas deste jornalsinho.

REVISTA AZUL

«Recebemos o primeiro numero de uma brilhante publicação litteraria, com o titulo acima, que surgiu a luz, ante-hontem. Um punhado de rapazes de talento escreveu neste numero, que offerece ao publico leitura amena e variada. Agradecendo a gentileza da offerta, desejamos á joven collega, muitas felicidades e longa existencia.

Como uma borboleta irrequieta e travessa, a annunciar-nos a primavera proxima, entrou-nos hontem pela casa a dentro, a *Revista Azul*, a galante e faceira *Revista*, que nos apparece agora, baseada em um programma puramente litterario.

A cada publicação de uma revista litteraria, a cada uma dessas gloriosas tentativas de reconstrucção do templo sagrado das lettras, hoje quasi derruido, sentimos que se nos rejubila a alma, pois vemos que esse facto é o prenuncio de uma epocha, não remota, do renascimento da litteratura nacional.

A *Revista Azul* symbolisa — quem sabe? — a alvorada azul e limpida dessa almejada epocha.

"E' mais uma sincera tentativa em prol da sacrosanta crusada das lettras" — diz no artigo de apresentação Dario Vellozo, o incansavel e distincto campeão da litteratura; e a elle, e a Julio Pernetta, director da *Revista* damos parabens por mais esse esforço nobre.

Agradecidos.

(D'A Republica)

PARECE IMPOSSIVEL ? !

Trata-se, nem mais nem menos, que do moralvilloso invento de Edison, do admiravel *Phonographo*, — uma das chaves de ouro da Sciencia, no seculo XIX.

Ao Sr. Horacio F. dos Reis devemos o subido prazer de gozar por alguns minutos tão curioso entretenimento.

Agradecendo ao amavel cavalheiro o attencioso convite, e almejando o mais extraordinario exito, esperamos ter ainda a ventura de reiterar nossas visitas á sala do onde funciona o *mysterioso* aparelho.